

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ARTE E VISUALIDADE**

“PEDRINHAS AZUIS” NO CHÃO DE PEDRA DAS CIDADES.

“SMALL BLUES STONES” IN THE SOIL OF STONE OF THE CITIES.

Vanessa Freitag¹

Teresinha Barachini²

Abstract.

The related research consisted of an unfolding of my trajectory while academic of the Course of Graduation in Drawing and Plastic of the UFSM, whose creative process used essentially the clay and of this form, I produced some "stones" of clay that initially, had acquired greater autonomy in my process, and placed them in the streets and sidewalk of day-by-day. In this research in specific, I intended to analyze and to reflect on the production and blue exposition of these "stones" when made use in the cities of medium and small, especially in streets and squares. The importance of this work consisted of an attempt to understand as the current art if it configures in the urban space and which the implications of the object when displayed in these external environments, suffering many times, interference of the public.

1. Escrevo diante da janela aberta.

A referida pesquisa consistiu num desdobramento da minha trajetória enquanto acadêmica do Curso de Graduação em Desenho e Plástica - Bacharelado da UFSM, cujo processo criativo usava essencialmente o barro, e ainda a minha participação no Grupo Deusamorna³ entre 2003-2005, um projeto de pesquisa e extensão, cujo objetivo era instigar a produção e o pensamento em arte quando inserida no espaço urbano. Como integrante do grupo, produzi algumas “pedrinhas” de argila que inicialmente, adquiriram maior autonomia no meu processo, e fiz

¹ Acadêmica do Curso de Especialização Arte e Visualidade, CAL, UFSM.

² Orientadora da pesquisa da acadêmica Vanessa Freitag, Professora Ms. do Curso de Especialização Arte e Visualidade e Curso de Artes Visuais-Graduação, CAL, UFSM,

³ Grupo DEUSAMORNA. Projeto de Pesquisa e Extensão- 2003/2005 – www.ufsm.br/deusamorna.

algumas experiências colocando-as nas ruas e calçadas da Casa do Estudante Universitário II ⁴ da UFSM.

Partindo dessas primeiras experimentações, passei a fazer centenas de “pedrinhas azuis” com orifícios em suas extremidades e tendo uma grande quantidade do objeto, observei a repetição como uma qualidade plástica, ao mesmo tempo em que as deslocava e abandonava em alguns lugares, como ruas e calçadas, verificando principalmente, a reação das pessoas. Nesta pesquisa em específico, pretendi analisar e refletir sobre a produção e exposição dessas “pedrinhas azuis” quando dispostas nas cidades de médio e pequeno porte, especialmente em ruas e praças das mesmas. Os lugares escolhidos tiveram como propósito, levar meu trabalho para áreas de circulação constante de pedestres, causando alguns estranhamentos e ainda, potencializando a efemeridade do pequeno objeto e seu caráter lúdico quando dispostos nestes espaços ou quando “confrontados” com o público.

As ruas e as praças foram os locais das “ações/intervenções” realizadas neste trabalho, considerando características como: liberdade de deslocamento, exposição pública, tráfego de pedestres, lugar de repouso, de encontros, de reuniões e por vezes de exclusão. As cidades onde desenvolvi as intervenções corresponderam a: Santa Rosa/RS (lugar em que passei a minha infância), Santa Maria/RS (lugar onde vivo), Passo Fundo/RS e Curitiba/PR (lugares desconhecidos). A importância deste trabalho consistiu numa tentativa de compreender como a arte atual se configura no espaço urbano e quais as implicações do objeto quando exposto nesses ambientes externos, sofrendo muitas vezes, interferência dos transeuntes.

Através de algumas “pedrinhas azuis” abandonadas pelos lugares das cidades, objetivei fazer com que as pessoas em geral, tivessem um olhar atento ao seu cotidiano, aos lugares onde circulam, mesmo que por um instante fugaz, pois compreendo que o espaço urbano seja das metrópoles ou mesmo das cidades pequenas, interioranas, que presenciamos cotidianamente, não podem ser apreendidas apenas com o olhar, em virtude de alguns labirintos e a verticalização das moradias, tornando nossa visão fragmentada. Brissac (1996, p.151) vai nos

⁴ A Casa do Estudante Universitário II localiza-se portanto, no campus universitário da UFSM, e consiste num apoio à moradia para acadêmicos que encontram dificuldades financeiras para se manter e estudarem em Santa Maria, estes provindos de várias cidades do RS e do Brasil.

dizer que “o espaço não é apreendido oticamente, mas de modo físico”. Ou seja, a caminhada, o andar, a circulação faz com que percebamos de alguma forma, os ambientes em que estamos inseridos.

As “pedrinhas azuis” passam a circular e a fazer parte de alguns espaços do meio urbano, ao mesmo tempo em que fazem parte da vida das pessoas, quando estas se apropriam ou interagem de alguma forma com as mesmas. Tornando-as dessa forma, objetos fugazes, cujo itinerário proposto é deslocá-las intencionalmente de um caminho a outro, observando aquele direcionado pelo transeunte e o destino conferido por este ao objeto, que se torna muitas vezes, anônimo, imprevisível, ficando apenas o registro das ações através de apontamentos e fotografias sobre algumas reações do público.

2. Casinhas de papel, caminhos de pedras...

Na perspectiva histórica na qual nos encontramos atualmente, a sociedade convive com a efemeridade de fatos, conceitos, idéias, informações que muitas vezes significam e estão intrínsecas nas trajetórias da vida cotidiana. A arte atual também se caracteriza pela fugacidade de critérios estabelecidos ao longo do tempo na tentativa de compreender uma linguagem que vai se tornando híbrida, caótica, reflexo da diversidade cultural, social e econômica das novas formas e instrumentos de se pensar a arte.

Na década de 60, segundo alguns pesquisadores em arte como Argan (1992), O’Doherty (2002), Cauquelin (1982) e Krauss(1998), a arte procura questionar os suportes, materiais, espaços de exposição, gerando conflitos e pontuando alguns paradigmas. Atualmente a arte permeia nossa realidade se mesclando cada vez mais na dinâmica da nossa vida diária, a tal ponto de se apropriar de referências banais e próximas do nosso contexto, causando estranhamentos para uma população que se depara com objetos artísticos compostos de materiais ou de elementos do cotidiano. E estranham ainda mais quando a arte deixa de ser apenas destinada a preencher as lacunas brancas de museus e galerias para se adentrar na realidade caótica das cidades, do espaço urbano, quase sempre, passando despercebida para a grande maioria da

população. Mas por outro lado, esses lugares (ruas, praças, a arquitetura das cidades), propõem fazer da arte algo mais democrático e próximo da realidade das mesmas. Desta forma, Veloso (2004, p.350), vai nos dizer que,

A arte pública significa, não apenas intervenção no espaço urbano através da desconstrução do fetiche da cidade e arte como entidades autônomas e abstratas, como também produz significados e narrativas, o que torna-se extremamente importante na sociedade contemporânea marcada pela repetição da mercadoria e do consumo.

Entendemos que museus e galerias constituem-se como espaços importantes para exposições, porém a rua, o ambiente externo das cidades oferece um espaço alternativo e essencialmente público, além de pontuar ou questionar conflitos inerentes ao espaço citadino. Dessa forma, a arte fora dos locais tradicionais de exposição e situados em outros lugares não tradicionais de exposição, reitera a concepção de que “obra de arte” não necessariamente precisa ser um objeto intocável e sacralizado, não há mais uma preocupação em se caracterizar uma obra quanto a sua condição etérea e aurática, ainda menos, na passividade da contemplação da mesma por parte do espectador, ou na busca pelo novo e original.

Portanto, as pesquisas dentro do campo da arte abrangem cada vez mais os espaços externos como “cenários” para a ação de alguns artistas contemporâneos, a exemplo de Christo, Gabriel Orozco, Robert Smithson, Richard Serra, e no caso do Brasil, Ricardo Ribenboim, Regina Silveira, entre outros e alguns artistas que se reúnem para pesquisar e realizar intervenções ou interferências no espaço urbano, desmistificando dessa forma, os próprios lugares comuns de exposição.

Sabemos, contudo, que as grandes cidades são redutos para as mais diversificadas formas de comunicação entre os indivíduos, propiciados principalmente pelos novos aparatos tecnológicos e por contradição ou consequência, estes vivem cada vez mais reclusos dentro de escritórios e edifícios de concreto. Em sua morfologia, as cidades definem-se muitas vezes, por labirintos compostos de ruas e avenidas adornadas por prédios e edifícios, mas também de algumas áreas tipicamente rurais ou espaços arborizados. No cotidiano das cidades, algumas vezes o público e o privado se mesclam, como é no caso das ruas, onde vivem, trabalham, sobrevivem milhares de pessoas diariamente, desempenhando atividades e funções que geralmente se dariam em espaços privados ou fechados. E

no caso das grandes cidades, o anonimato, a individualidade ou a indiferença é uma constante. Isso nos remete ao que nos diz Calvino sobre uma grande cidade chamada “Cloe”:

Em Cloe, gran ciudad, las personas que pasan por las calles no se conocen. Al verse imaginan mil cosas una de la otra, los encuentros que podrían ocurrir entre ellas, las conversaciones, las sorpresas, las caricias, los mordiscos. Pero nadie saluda a nadie, las miradas se cruzan un segundo y después huyen, buscan otras miradas, no se detienen. (CALVINO,1983, p.63)

Já nas cidades interioranas ou de pequeno porte, na maioria das vezes, as pessoas se cumprimentam nas ruas, conhecem as famílias dos vizinhos, sabem dos fatos acontecidos nos lugares, dos seus mortos e recém-nascidos, há convívio entre as pessoas, dentro e fora de suas residências, ocorre uma comunicação mais direta e um sentido de coletividade.

Não é por acaso que artistas ou grupos de artistas, citados a seguir, se valem de problemas sociais presentes nas cidades, e ainda dos conflitos causados pelo crescimento vertiginoso de alguns lugares, apropriando-se do espaço urbano em seus trabalhos. Dentro dessa pesquisa destacamos ainda as intervenções realizadas pelo Projeto Arte/Cidade (São Paulo, SP) que desde 1994, pretende destacar áreas críticas do meio urbano diretamente relacionadas com processos de reestruturação e projetos de redensolvimento, sendo coordenado por Nelson Peixoto Brissac, visando contudo,

(...) identificar seus agentes e linhas de força e ativar sua dinâmica e diversidade, reunindo artistas e arquitetos, internacionais e brasileiros, voltados para situações urbanas complexas, o projeto visa desenvolver repertório técnico, estético e institucional para práticas artísticas e urbanísticas não convencionais.⁵

O projeto é formado por um imenso grupo de artistas, nacionais e internacionais que em seus trabalhos questionam ou remetem os conflitos sociais e áreas abandonadas ou problemáticas das grandes cidades, em especial, a de São Paulo.

⁵ www.pucsp.br/artecidade/indexp.htm Acessado em 19.07.05

Sabemos, contudo, que as intervenções e ações, ou melhor, a arte pública como um todo, tem o propósito de lançar um olhar crítico perante a realidade das cidades, sejam elas pequenas ou metrópoles, pois não comportam mais um olhar contemplativo pertinente a um outro tempo histórico. Hoje a arte se lança com outras preocupações e formas de se fazer presente, quer refletir e estar refletida no contexto de seu tempo e, ao se apropriar da cidade ou ter a cidade e seus conflitos como referência, agrega consigo as conseqüências do crescimento explosivo das mesmas, responsáveis por gerar uma conturbação visual, sonora e conceitual, implicando que alguns artistas tenham uma postura crítica, ativa e compromissada perante seu fazer.

2.1. Dorme, dorme, ruazinha...a noite já vem.

Dentro do que caracterizamos como espaço ou paisagem urbana, a rua adquire maior atenção nesta pesquisa. Isso porque ela é um lugar de 'impermanência', de encontros fugazes, de circulação, de passagem, de perdas e achados, de trabalho, de moradia, onde vemos milhares de pessoas circulando diariamente pelo que entendo como as veias e o sistema circulatório da cidade. As ruas.

Pessoas estranhas que nos parecem familiares, dos mais variados tipos e em suas diversificadas funções e formas de ser. Costumo observar o caminhar e a movimentação do pedestre por alguns lugares da cidade porque esses locais parecem não ter sentido sem as suas passagens, sem as ruas que nos conduzem de um lugar a outro. Sendo assim, me remeto ao que nos diz Certeau (1994, p.183): "caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio", mas que "os jogos dos passos moldam espaços. Tecem lugares"(p.76). Pelas ruas as pessoas parecem marchar como milhares de formigas orientadas pelos caminhos e não se consegue saber ao certo de onde vêm e para onde vão.

Geralmente temos a impressão de que a arquitetura das cidades, compreendida aqui como casas, prédios, edifícios, corresponde ao corpo mais importante da cidade. Porém, as ruas e as praças, passam a constituírem-se como lugares de sociabilidade, de reuniões informais das pessoas, um espaço único para

se trabalhar, mesmo que de forma breve, pois estamos expondo nossa imagem, desprotegidos no espaço público.

(...) reitera-se a rua e a praça como espaços de convívio, ainda que vigiados e separados do resto da cidade, hierarquizando-se a passagem entre a intimidade e a vida doméstica, em um “home” que lembra a cabana primitiva, e a exposição aos olhares dos vizinhos ou funcionários nos pátios comuns e espaços coletivos. (ANDRADE, 1997, p.1001)

Neste trabalho, as “pedrinhas azuis” encontram seu lugar de ação nos caminhos, por mim escolhidos. Gosto de andar com elas, espalhando-as pelos lugares como forma de demarcar ou sinalizar minha instantânea passagem, meu breve caminhar. O ato de caminhar significa a tentativa de reconhecer um lugar, tomar um pouco para si, pelo fato de se estar percorrendo-o.

Dominar o território é assumi-lo numa dimensão linguística e imaginária; ao passo que percorrê-la, pisando-o e marcando-o de uma ou de outra forma, é dar-lhe entidade física, que, evidentemente, se conjuga com o ato denominativo. (SILVA, 2001,p.16)

Tenho a impressão de estar demarcando um território que não me pertence, ao fazer minhas “ações/intervenções” urbanas, pois o meu caminhar é sinalizado pelas “pedrinhas azuis”, que redimensionam os espaços de forma efêmera, já que estas também permanecem passageiramente nos referidos espaços. Caminhando, conheço e reconheço lugares, passagens e pessoas.

Um lugar, para Medeiros (2004), é constituído de espaços “identitários” e históricos, de acontecimentos, e em contrapartida, também encontramos espaços que se volta para o consumo efêmero, a passagem, não criando nenhum tipo de identidade específica e tendo uma relação com a solidão. São os chamados “espaços lisos”, “desterritorializados” e que se voltam às necessidades do presente e a circulação, como no caso das ruas.

No panorama das ruas pode-se ler a vida cotidiana: - seu ritmo, suas contradições, - os sentimentos de estranhamento, - as formas como se trocam mercadorias, - o modo como a solidão desponta, - a arte da sobrevivência (meninos de rua, mendigos), - as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria, - o contraste das construções, das suas formas, usos, cores, - as imagens dos *out-doors* e luminosos que ocupam o olhar. (CARLOS, 2004, p.55)

A rua tanto pode ser um lugar, um espaço com alguma referência e identidade, como um “não-lugar”, voltado para o anonimato e a indiferença. As praças, por sua vez, acolhem e afagam as pessoas, propiciando o contato, a conversa, o descanso, e por muitas vezes, é o reduto, o lugar, o espaço dos excluídos, em detrimento disso, passa a ser ignorado ou evitado pelos demais.

2.2. Um, dois, três, conto o conto outra vez.

As “pedrinhas azuis” são esferas de argila que costumo produzir uma por uma, porém de modo saturado e repetitivamente. E ao fazê-las, gosto de imaginá-las ganhando outros espaços e perto de pessoas. Sempre preferi trabalhar com materiais maleáveis, moldáveis que carregam os registros da mão, reforçando o caráter artesanal, com um acabamento não muito rebuscado, de formas simples. As formas redondas, circulares, esféricas são as que mais se adaptam ao espaço e ao aconchego da mão. A mão contém melhor a forma arredondada, acolhendo-as ou abrigando-as. Pedrinhas redondinhas: lembram bolhas, bolinhas de gude.

Acredito que as “pedrinhas” são memórias materializadas, pois me trazem fortes referências das colheitas de soja, da quantidade de grãos contido num determinado espaço, milhares delas e todas muito parecidas, pequeninas, redondinhas. Produzo as pedrinhas pensando sempre no sentido de preencher ou demarcar/sinalizar um espaço externo. Quando estava no ateliê de escultura, me sentava no chão, enquanto fazia uma por uma das bolinhas, e as rolava pelo chão, local onde permaneciam até secarem. O processo de produção consistiu em pegar uma determinada soma de barro e girar, girar sobre a palma da mão, até formar uma bolinha, depois preenchê-la com furinhos redondinhos, como se quisesse sinalizá-la ou marcá-la e assim sucessivamente. Não há necessidade de contabilizar o número de pedrinhas criadas, ou furinhos feitos sobre elas, nem de quantificá-las quando expostas ou despejadas nas ruas, o que interessa nesta fase é a sua produção, o modelado da argila.

Portanto, as “pedrinhas” não se caracterizam dentro da linguagem da cerâmica e tampouco na linguagem escultórica, propriamente dita. Não como escultura porque, mesmo sendo peças tridimensionais, têm pouca massa, não necessitam de base, não são monolíticas, não representa nada em específico. Sua

matéria é argila não-queimada. O que importa é como este pequeno "objeto" fará sentido ou não, quando é confrontado com o público ou com o espaço onde ele estará. Mais do que sua existência física são as relações que proporciona quando exposto ao público.

A limitação desse processo de transfiguração do objeto está em que ele se funda menos nas qualidades formais do objeto que na sua significação, nas suas relações de uso e hábito cotidianos. (GULLAR, 1960, 16)

Quantas "pedrinhas azuis" se podem ter em uma hora? Em meu trabalho, a repetição acontece quando produzo a forma esférica e em grande quantidade, todas muito parecidas mas não iguais, porque cada uma tem suas particularidades, posto que mantenho o fazer manual. Sobre a repetição, Cattani (1999, p.79) aborda que, "repetição, mais precisamente, repetições nas artes plásticas, são todos os processos que de alguma forma repetem o já existente no universo de formas, e/ou os procedimentos que estabelecem sistemáticas absolutas."

Algumas referências para este trabalho, além dos grupos e artistas que pesquisam a arte no espaço urbano, como especificado anteriormente, também encontro respaldo na artista Eva Hesse. Esta artista pertenceu ao pós-minimalismo, dentro dos movimentos artísticos, caracterizou-se por ter um apelo da subjetividade e do fazer manual nas criações das obras. Ela fazia questão de produzir seus trabalhos manualmente se contrapondo às rigorosidades formais da Minimal Art, que repudiava todo e qualquer toque da mão do artista na transformação da matéria sendo estas, geralmente, de origem industrial. Outro artista que merece atenção nesta pesquisa consiste no trabalho do mexicano Gabriel Orozco, cuja produção artística compreende em trabalhos escultóricos, objetos, instalações, fotografia. Seu trabalho evoca indistinção, memórias imaginativas ou cria um mundo lírico. Ou ainda, recolhe objetos ou fragmentos de objetos encontrados em praias ou ainda, latas e suportes enferrujados e os transporta para dentro de lugares de exposição.⁶

Quanto ao uso da cor azul, minha intenção nunca foi dar um significado propriamente dito para a cor que uso nas pedrinhas. Acredito que a cor é uma informação, uma forte referência e ela é que se destaca quando espalho as

⁶ Disponível em: www.portikus.de/images/A0091.3-Page.jpg, Acessado em 14.02.06.

pedrinhas pelas ruas. Poderia pensar que seria uma contraposição da argila (vermelha, cor quente) que recebe uma casca/pele azul (cor fria), ou ainda, poderia justificar com o que Cézanne nos diz em Argan (1992, p.555),

A natureza, para nós homens, está antes na profundidade do que na superfície e daí a necessidade de introduzir em nossas vibrações luminosas, representadas pelos vermelhos e amarelos, uma quantidade suficiente de tons azulados para dar a sensação de atmosfera. As vibrações luminosas são as que emanam dos objetos envolvidos pela atmosfera; logo, trata-se ainda da relação objeto-espaco: em seu processo formativo, a consciência opera essa distinção na sensação em que os tons quentes dos objetos iluminados se apresentam mesclados aos tons frios da atmosfera.

Portanto, no presente momento da pesquisa, não me interessa pelo uso de outras cores, muito embora, já o tenha feito em minhas primeiras experiências. Pretendo dar continuidade ao uso da cor azul, porém, modificando suas tonalidades, das mais claras para mais escuras e vice-versa. Pelas características intimistas dos pequenos objetos, estes acabam interferindo sutilmente nos espaços/lugares onde os espalho. A cor permite que as pedrinhas sejam mais atrativas, ou melhor, chamem mais a atenção de quem passa.

3. Pequenos e Grandes Cantinhos.

As considerações a seguir abordam os procedimentos e algumas reflexões sobre as “pedrinhas”, especificamente e sua disposição em alguns lugares em que foram deixadas. Para cada intervenção realizada, foi feito registros sobre as impressões dos lugares e as manifestações das pessoas diante do pequeno objeto, além de alguns registros fotográficos.

A primeira intervenção ou “Itinerário” realizado foi na cidade de Santa Rosa, numa praça central. No dia da ação, havia poucas pessoas como algumas crianças, idosos e transeuntes fazendo compras. Neste lugar, as pessoas que me viram realizando o trabalho, ficaram atentas, algumas me abordavam e solicitavam alguma explicação para aquilo que estavam vendo. O trabalho em si foi bem positivo, algumas crianças se apropriaram da “pedrinha”, levando-as consigo. Os idosos presentes, sentiram-se um tanto incomodados com o pequeno objeto no chão, fazendo algumas ressalvas.



Itinerário das Pedrinhas 1 – Santa Rosa/RS, 2005.

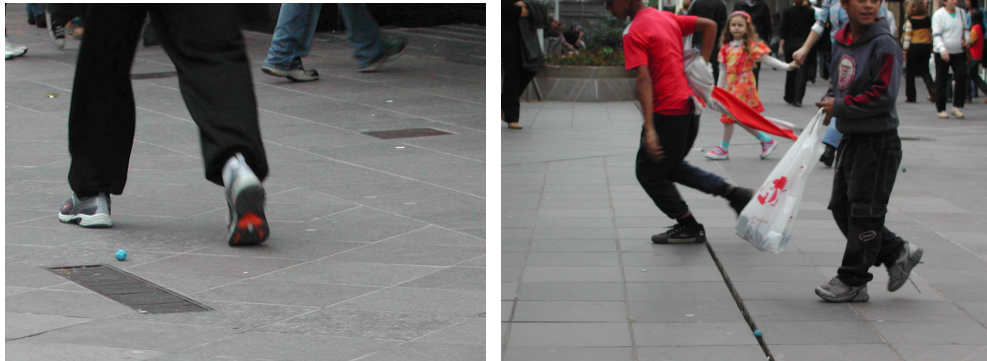
A segunda cidade em que realizei as intervenções foi Passo Fundo consistindo numa cidade desconhecida para mim. Tive a sensação de estar garimpendo um lugar estranho. Procurei saber onde ficava a praça central e para lá me dirigi. Encontrei no local a presença de muitas crianças e jovens, adultos também. Comecei a abandonar as “pedrinhas azuis” e o público estava me observando. Algumas crianças e especialmente adolescentes me abordaram querendo saber o que eram aquelas “bolinhas”.



Itinerário das Pedrinhas 2 – Passo Fundo/RS, 2005.

O trabalho seguinte aconteceu na cidade de Santa Maria, especificamente no Calçadão da mesma, pois este consiste num local onde tem maior circulação de pessoas. O público se manifestou de várias formas, alguns chutavam a pedrinha, outros a levavam embora ou apenas a rolavam sem percebê-la. Fiquei com uma

boa impressão do trabalho neste dia, além de ser a cidade em que vivo e conheço à algum tempo, tendo familiaridade com o ambiente, com a circulação das pessoas.



Itinerário das pedrinhas 3 – Santa Maria/RS,2005.

Curitiba/PR foi a cidade que não planejei a realização do trabalho, mas como tive a oportunidade de viajar para lá, resolvi levar as “pedrinhas azuis” comigo e ver o que aconteceria. A cidade é muito grande, limpa e organizada. Fiz a intervenção numa praça em frente à igreja, escolhida por acaso, localizada no centro da cidade. Era bem espaçosa, com canteiros de flores, arbustos e bancos ao redor dos mesmos. Fiquei por um tempo observando por qual ponto seria apropriado para começar a ação.



Itinerário das Pedrinhas 3 – Curitiba/PR,2005.

4. Considerações Finais.

Ao longo deste trabalho, um dos grandes objetivos iniciais foi procurar refletir e analisar o objeto “pedrinhas” e conseqüentemente, as possíveis relações que o público estabelecerá com elas quando expostas no espaço urbano, especificamente, praças e ruas das cidades.

Para ser mais exata, jamais pensei que as “pedrinhas” um dia pudessem se tornar no trabalho que aqui apresentei. Digo isso porque percebo em meu processo de criação, as coisas acontecendo casualmente, e nem sempre tenho o controle do próximo passo a ser dado. Meu modo de pensar sempre foi assim, “fazer e ver no que vai acontecer”. Não consigo “calcular” ou ainda “determinar” exatamente, qual vai ser minha próxima proposta. Estou sempre fazendo, pensando, rabiscando, imaginando, mas é o trabalho que me vai “mostrando” o próximo passo a ser dado, as novas possibilidades e isso leva muito tempo, e principalmente, estar atenta e aberta às circunstâncias ou acasos que direcionam meu olhar, minhas atitudes. Procuo um diálogo, um acordo entre o que eu penso objetivamente ou imagino e com aquilo que realizo concretamente, e, por conseguinte, nem sempre está de acordo com o que realmente imaginei, porque as coisas, quando se materializam, raramente estão em sintonia com a imagem que “idealizo” delas.

Nesta pesquisa, pude pensar nas formas pequeninas, esféricas, azuis, frágeis mas significativas das “pedrinhas”. Ela, por si mesma, tão simples, tão pequena, se mostra diferente dos antigos trabalhos em escultura que fazia. Mas diz muito sobre minhas vivências com a terra, minha grande afinidade com o material, dando às esferas que remetem alguns pequenos objetos, pequenas e grandes lembranças, memórias latentes da infância. Todas às vezes que abandonei o objeto nas ruas ou nos caminhos das praças, é como se, num primeiro momento, estivesse usando este lugar para brincar com as “pedrinhas” ou simplesmente demarcar minha fugaz passagem.

E essas “pedrinhas azuis” procuraram sinalizar por um curto espaço de tempo, os lugares – ruas e praças - onde tive a oportunidade de realizar o trabalho. As cidades se parecem, mas nunca serão iguais. Há grande diferença entre uma metrópole e uma cidade de médio ou pequeno porte. Não apenas pela diferença morfológica ou de extensão que estas possuem, mas principalmente, o ritmo de

vida, as condições sociais/econômicas, o cotidiano dos habitantes que nelas vivem ou trabalham.

As “pedrinhas” não visitaram grandes cidades. Pelo menos, não tenho conhecimento disso. Nos lugares em que as abandonei, distribuí ou despejei, foram sempre em cidades interioranas, algumas de médio porte, algumas conhecidas, outras desconhecidas. E em cada lugar, sempre uma nova surpresa, uma grande expectativa para ver o que aconteceria. Acredito que as “pedrinhas azuis” seriam engolidas e completamente ignoradas se as deixassem numa metrópole, por exemplo. Minha atitude teria de ser outra, as “pedrinhas azuis” se tornariam talvez, ainda mais anônimas.

E isso não me traz tanto desconforto, muito embora queira que meu trabalho seja carregado, guardado, protegido e notado por alguém que o encontre.. Quanto mais eu pensava nas “pedrinhas” abandonadas na rua, mais queria ficar atenta e observar as reações das pessoas, tais como: chutar, rolar, quebrar, brincar, recolher, olhar, ignorar, talvez seja esse um grande motivo para que as abandone nos lugares.

Ainda das observações que fiz com os trabalhos na rua, concluí que foram as crianças que mais se envolveram. Geralmente estamos habituados a fazer trabalhos para as pessoas adultas e/ou “iniciadas”, para que tenham certo envolvimento com estes, mas foi uma surpresa muito boa quando me deparei com crianças realmente se envolvendo, brincando, se apropriando do pequeno objeto sem receios. O público que interagiu com as pedrinhas teve alguma aproximação descobrindo-as com as mãos, com o tato, conferindo certa “vida” para elas.

Acredito que desta forma, além de perceber atentamente o cotidiano urbano, suas problemáticas, a correria diária, pude presenciar a calma das pequenas cidades, o olhar atento das pessoas que nelas habitam e senti certa receptividade do trabalho que foi visto com olhos curiosos, sendo uma outra forma de me aproximar das pessoas e elas do trabalho também.

Depois dessa pesquisa, não consigo pensar em “pedrinhas azuis” sem pensar nas possíveis pessoas que poderão encontrá-las. “Pedrinhas” se tornaram um meio para se pensar nas pessoas. E acho que isso sentirei toda vez que visitar uma nova cidade ou localidade, por mais que pudesse notar as relações do público frente à elas, cada nova ação, constitui-se para mim, numa nova surpresa ou expectativa. E

isso faz com que eu goste desse trabalho, que aparentemente, é tão frágil, quase invisível, mas que tem um significado quando tenho a possibilidade de entregá-lo ao público. Essa pesquisa me possibilitou entender o objeto “pedrinhas” aqui pesquisado, desde o processo de criação até o seu destino final, o espaço urbano, o encontro com o público. No entanto, compreendo que algumas questões ficaram em aberto, principalmente no que diz respeito à condição do espectador/interator do meu trabalho. Mas acredito que abordarei sobre isso em alguma outra oportunidade, através de futuras pesquisas e observações que esta pesquisa me faça suscitar.

5. Referências Bibliográficas.

- ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BARRETO, Jorge Menna; GARBELOTTI, Raquel. Especificidade e (in)tradutibilidade. In; **Arte em pesquisa**: especificidades. Anais, vol. 1, Brasília: UNB, 2004..
- BRETT, Guy. Lygia Clark: seis células. In: CHIARELLI, Tadeu. **Arte Contemporânea Brasileira**. São Paulo: SENAC, 2000.
- BRISSAC, Nelson Peixoto. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: SENAC, 1996.
- BRISSAC, Nelson Peixoto. Mapear um mundo sem limites. In: NOVAES, Aduino. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: SENAC, 2005.
- CALVINO, Ítalo. **Las ciudades invisibles**. Barcelona: Ediciones Minotauro, 1983.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.
- CATTANI, Maria Lúcia. A Repetição nas artes plásticas. In: TESSLER, Élide; BRITES, Blanca. **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**. Portugal: Editora-RES, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- FERRÃO, João. **Visão humanista da cidade**. Disponível em: www.patriarcado-lisboa.pt/vidacatolica/vrnven.18/3_04_02_cidade_patriarcado_joao_ferrao_280105.doc. Acessado em 25.01.06.
- FREITAG, Vanessa [etal]. **A(própria)ação entre&tantas**: artistas reunidos. Santa Maria: Autor, 2005
- FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GULLAR, Ferreira. **Teoria do não-objeto**. Rio de Janeiro: SDJB 1960.
- KRAUSS, Rosaling. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAGNADO, Lisette. **24ª Bienal de São Paulo**. FOLHA DE SÃO PAULO. p.16-19, 2 de outubro de 1998.
- MEDEIROS, Maria. Arte pública e a cidade. In: **Arte em pesquisa**: especificidades. Anais, vol. 1. Brasília:UNB, 2004.
- NETO, João Cabral de Melo. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- NOVAES, Adauto. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: SENAC, 2005.
- PALLAMIN, Vera Maria. **Arte urbana**: São Paulo: região Central (1945-1995): obras de caráter temporário permanente. São Paulo: Annablume, 2000
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- PLAZA, Julio. **Arte e interatividade**: autor-obra-recepção. REVISTA ARS. São Paulo: USP/ECA, Ano 1, nº 2, 2003.
- O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**: ideologia do espaço da arte São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SATO, Alberto. **Ciudad y utopia**. Buenos Ayres: Centro Editor de América Latina S. A., 1977.
- SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- REVISTA SKULTURE, São Paulo: Skultura Galeria de Arte, Ano 17, nº39, p.7
- VIRÍLIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- VELOSO, Mariza. Arte pública e cidade. In: **Arte em pesquisa**: especificidades. Anais, Vol.1, Brasília/DF:UNB, 2004.

WOLFE, Tom. **Da bauhaus ao nosso caos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

Disponível em: <http://www.tate.org.uk/magazine/issue2/hesse.htm>. Acessado em 15.05.05

Disponível em: www.revistaetcetera.com.br/18/grupo_poro. Acessado em 18.07.05.

Disponível em: www.pucsp.br/artecidade/indexp.htm Acessado em 19.07.05

Disponível em: www.portikus.de/images/A0091.3-Page.jpg, Acessado em 14.02.06.

Disponível em: www.villamanincontemporanea.it/images/orozco. Acessado em 20.02.06.